MARCELO TADEU RASTEIRO

A CURVA DO RIO

O PORTAL DO TERROR

São Paulo – SP - Brasil

2.010

Autor – Marcelo T. Rasteiro

Revisão e Diagramação – Marcelo T. Rasteiro

Foto da capa – Rio Suiamiçú – Médio Xingú – Marcelo T. Rasteiro.

Arte da Capa – Igor Henrique F.R. Rasteiro

Copyrigth 2.010 – São Paulo – SP - Brasil

ÍNDICE

Introdução e agradecimentos.....4
Capítulo I.....9
Capítulo II.....23
Capítulo III.....47
CapítuloIV.....65
Capítulo V.....81
Capítulo VI.....97
Capítulo VII.....147
Capítulo VIII.....171
Final.....213

INTRODUÇÃO E AGRADECIMENTOS

Desde que escrevi meu primeiro livro, era comum que muitos conhecidos questionassem se um personagem ou outro foram baseados em alguém conhecido. Na realidade, nunca baseei nenhum dos personagens de minhas histórias em ninguém conhecido, a não ser o uso de alguns nomes, mas por pura coincidência e mesmo em casos de uso de nomes de conhecidos, os personagens nada tinham a ver com eles na vida real.

Logo que idealizei a história da Curva do Rio, enquanto desenhava o perfil dos personagens surgiu uma ideia. Como o tema da história circula em torno da pesca esportiva, que é minha atividade de lazer favorita, assim como de muitos de meus amigos, por que não escrever uma história aonde apenas pessoas conhecidas sejam os personagens?

Assim, criei uma história onde eu mesmo participo acompanhado de alguns de meus amigos pescadores. Em razão disto, pude ter a oportunidade ímpar de descrever cada um deles como eu os vejo na vida real. Zelei para sempre dar aos personagens as características que percebo em cada um de meus amigos e usei as palavras, formas de falar e se expressar que eles usam normalmente.

Com certeza, se tornou um livro delicioso de escrever, pois desta vez, mais do que nunca, eu estava mesmo na história e espero que cada um destes escolhidos se sinta de verdade dentro do contexto como me senti.

Tanto o tema principal como os locais onde a história se desenvolve são totalmente fictícios, e as situações em que os personagens são envolvidos em nada se parecem com as situações reais de suas vidas, seus ideais ou suas crenças religiosas ou pessoais. Mas imaginei, conhecendo-os, como que eles reagiriam em cada uma das situações.

O prazer de escrever tem seu ápice na vivência da história que se cria. Quero dividir este prazer com estes meus amigos e com todos os leitores deste livro e torço para que também possam se sentir dentro da história.

Por razões naturais os nomes foram trocados, mas sei que cada um deles saberá exatamente qual o personagem que está ligado à sua pessoa.

Agradeço muito a eles, que logo que foram comunicados da ideia, aceitaram e se empolgaram, me dando ainda mais gosto e vontade em realizar este livro, mesmo sabendo que as situações que estariam envolvidos na história poderiam não ser as mais agradáveis. Entenderam o espírito de que isso não passa de uma deliciosa brincadeira de fantasia.

Muito obrigado a todos por permitirem que eu seja amigo de cada um de vocês.

Espero que vocês assim como todas as pessoas que lerem este livro aproveitem a viagem.

Marcelo T. Rasteiro (Tchello)

I

A conversa estava realmente animada. A quantidade de latas de cerveja sobre a mesa mostrava que aquele grupo de pessoas se divertia muito e estavam em estado de graça pela oportunidade de estarem juntas naquele local.

Eram bons amigos. Interessante é que se conheciam a um tempo relativamente pequeno, 6, 7 anos os mais antigos e alguns há até bem menos tempo do que isso.

A forma com que se conheceram mostra claramente como funciona o mundo moderno. Todos eles se conheceram através da internet, em busca de informações sobre seu passatempo predileto, a pesca.

Um deles era de certa forma responsável por esta união. Marcelo, mais conhecido como Tchello. Há tempos, depois de fazer uma excelente pescaria no exterior, decidiu colocar suas experiências com esta atividade na internet. Em pouco tempo, seu pequeno site recebeu uma grande quantidade de visitas e empolgado com a brincadeira, Tchello decidiu montar um site mais abrangente, com um conteúdo mais completo. E foi justamente através deste site que conheceu todos os amigos que estavam com ele, naquela conversa animada, naquele momento.

Eram pessoas de origens diferentes, profissões diferentes, até mesmo gostos pessoais e idades bem diferentes, mas unidos por uma única paixão, da qual não abriam mão e sempre estavam dispostos a praticar e falar sobre.

O caçula da turma, Igor, conhecido por Gigante, era o único que não morava na capital de São Paulo, mas sim no interior. Gigante tinha apenas 31 anos de idade, pouco se comparado a Tchello com seus 47 e a Marcos, que do alto de seus 53 anos era o mais experiente do grupo. Gigante era doutor em física e Marcos administrava uma indústria de peças automotivas. Durante muito tempo de relacionaram apenas através do site, sem se conhecerem pessoalmente, e todos imaginavam que Gigante seria um sujeito grande, forte, mas na verdade Igor era baixo, um pouco gordo, carismático, com certo ar infantil e muito ingênuo. Tão ingênuo que constantemente era vítima de brincadeiras da turma e muita gozação.

Na mesa também estavam Antonio, ou Tony, publicitário, Carlos, o Turco, que administrava uma rede de estacionamentos, Medeiros que trabalhava com venda e manutenção de equipamentos de informática, Milton, advogado e finalmente José, o mineirinho, que trabalhava com aluguel e manutenção de mesas de bilhar.

Somente com uma atividade em comum conseguiriam se conhecer, pois eram bem diferentes em praticamente tudo. Profissão, gostos pessoais, locais onde moravam, círculos sociais e faixa etária. Graças à pesca estavam ali juntos, alegres, se divertindo e aliviando o estresse do dia a dia.

E que lugar para fazer isso! Estavam reunidos na varanda de um barco hotel, em plena Amazônia, para realizar uma pescaria. Quase um ano de planejamento, muitas dúvidas, muitas mudanças de planos, mas finalmente haviam conseguido.

Esta viagem era diferente de todas que já fizeram. Iam a um local inexplorado, novo, com grandes expectativas. Lívio, que Tchello conhecera recentemente em uma exposição sobre turismo de pesca, havia montado o barco hotel em que estavam para explorar este ponto da Amazônia. O barco fora todo adaptado, de forma a se transformar

de um barco regional, conhecido como gaiola, em um confortável barco hotel de três andares.

Este tipo de barco costuma ser rústico. Feito todo de madeira é usado para transportar passageiros regionais. Contava, em sua versão original, com dois andares superiores com as laterais abertas e sem nenhum tipo de mobília. As pessoas viajavam em redes que se distribuíam por todo o espaço. As laterais de cada andar eram protegidas por grades de madeira e corrimãos que vem à altura do peito dos passageiros.

Este barco, porém, estava todo adaptado, não deixando de ser rústico em sua formação básica. A madeira comum aparente, nas cores tradicionais, branco e azul claro fora mantida. O piso também todo em tábuas apenas recebeu alguns apliques de um material antiderrapante, pois a madeira molhada poderia causar perigosos escorregões.

No compartimento inferior, cinco cabines para dois pescadores cada. As cabines de número 1, 2 e 3 ficavam de um lado da embarcação, à bombordo, ou lado esquerdo para os leigos em navegação e as de número 4 e 5 e mais um quarto de despejo ficavam do outro lado.

Todas elas tinham as portas voltadas a um pequeno corredor externo, limitado entre as paredes das próprias cabines e a grade de proteção da beira do barco. As portas das cabines eram abertas para fora, de forma que se alguma porta estivesse aberta ocupava exatamente a largura do corredor, impedindo a passagem das pessoas. Apenas as cabines do final do corredor, na parte da frente do barco tinham as portas que abriam para dentro, pois o corredor estreitava um pouco devido ao desenho do casco do barco e não havia como abrir completamente a porta para fora.

O piso do andar de cima servia de beiral para este corredor das cabines, mas uma chuva acompanhada de vento molharia tudo por ali com certeza.

Cada cabine era equipada com uma cama beliche de bom tamanho e largura. Ao lado desta, próximo à cabeceira, uma estante para que os passageiros pudessem organizar sua bagagem e ao lado do pé da cama um armário para roupas.

As portas das cabines contavam com uma janela grande que ocupava toda a parte superior até a metade da sua altura. Desta forma os ocupantes da cabine, deitados em suas camas podiam apreciar a paisagem do lado de fora. Apesar desta janela poder ser aberta de forma basculante, nunca era necessário, pois a cabine contava com refrigeração interna, o que mantinha uma temperatura agradável, mesmo sob o calor intenso da região. Um banheiro privativo completava o conforto da cabine. Pequeno, mas confortável, com box de banho, vaso sanitário e pia com armário superior para produtos de higiene pessoal. Apesar das paredes e piso serem de madeira rústica, sem nenhum tratamento especial ou sofisticado, tudo era muito limpo e bem cuidado.

Do lado onde estavam as três cabines, em direção à popa, logo após a cabine 3, uma escada dava acesso ao segundo andar. Do lado oposto, ao lado do quarto de despejo, uma escada dava acesso ao porão.

Além dos dois andares superiores e do piso das cabines, o barco contava também com mais dois compartimentos inferiores no porão. No primeiro, um grande salão acomodava 5 botes de alumínio de apoio e pesca, 5 motores de popa de 25 HP, combustível, motores elétricos, alguns mantimentos, e outros acessórios náuticos como luzes de navegação, material de salvatagem entre outras coisas. Além disso, nos fundos deste porão estavam as cabines da tripulação que acomodavam bem até 10 tripulantes. No compartimento inferior a este, mais um salão, a casa das máquinas

com os motores principais da embarcação e geradores de força.

Na popa do andar térreo, dos dois lados, uma escada levava a uma plataforma externa que ficava na mesma altura do primeiro compartimento do porão. Desta plataforma é que os passageiros embarcavam e desembarcavam dos botes. Ali uma grande porta de folha dupla também dava acesso ao porão e era por onde os botes eram retirados para quando os passageiros iam realizar suas pescarias.

O segundo andar fora todo fechado em sua volta por grandes janelas de vidro, permitindo assim manter a climatização interna do barco sem perder a claridade. Na popa deste andar, uma cozinha bem equipada, cujo piso avançava sobre a plataforma de embarque no piso inferior, formando ali um teto protetor. A cozinha era separada de uma sala de refeições por uma parede vazada, que do lado da sala de refeições contava com um largo balcão, aonde os alimentos eram arrumados para os passageiros. Apesar do barco ser projetado para 10 passageiros, em razão da limitação das cabines, a sala de refeição contava com 2 grandes mesas, que acomodavam fácil e confortavelmente até 20 pessoas. Esta sala de refeição era separada da sala ao lado apenas por um grande vão na parte central.

A sala ao lado contava com sofás em toda a sua volta, feitos de madeira aproveitando a estrutura do próprio barco e cobertos com confortáveis almofadas. Era chamada de sala de descanso. A parte dianteira da sala, voltada para a proa era fechada por uma parede, o que impossibilitava a visão para frente. Nesta parede, uma estante com Tv de tela grande, aparelho de dvd e karaokê garantiam o passatempo de todos. Mais quatro poltronas e uma mesa para jogos de cartas completavam o mobiliário. À frente da parede de proa ficava a sala de comando que também fora equipada com equipamentos de última geração para navegação segura como radar, sonar, gps, rádio e telefone via satélite.

De cada um dos dois lados da parede de proa da sala de descanso uma escada e as duas davam acesso ao terceiro andar.

Era neste local que se encontrava naquele momento o grupo de amigos. Era uma varanda totalmente aberta nas laterais, apenas com as grades originais de proteção. Ocupava toda a extensão do barco e por isso era muito ampla. Duas mesas com várias cadeiras e algumas redes estendidas eram os únicos mobiliários do local. O terraço era coberto em aproximadamente dois terços de seu tamanho, ficando a parte da popa descoberta, onde um grande chuveiro podia ser utilizado para refrescar os ocupantes em dias muito quentes.

O barco levava o nome de Nave Mãe.

Um dos grandes diferenciais da viagem era aonde estavam.

Rio Abuadana, afluente do rio Negro, próximo à divisa com a Venezuela. Um rio totalmente inexplorado para a prática da pesca que na afluência com o Rio Negro era praticamente imperceptível, devido a ser muito estreito e ter uma vegetação que camuflava quase que por completo sua aparência. Alguns quilômetros acima, o rio se alargava e se tornava bem navegável. Neste ponto aonde se alargava, existia a última comunidade ribeirinha do rio chamada Cipó, sendo que dali para frente os amigos foram informados que o rio era totalmente selvagem, sem a presença de ribeirinhos e nem mesmo tribos indígenas. Exatamente nesta comunidade do Cipó é que eles embarcaram no Nave Mãe.

Para chegar até a comunidade do Cipó passaram por uma viagem longa e cansativa. Saíram de São Paulo com destino à Manaus em um voo com 3 escalas. Em Manaus, depois de esperar duas horas, pegaram um voo regional até Barcelos e de lá seguiram em dois hidroaviões até a comunidade ribeirinha do Cipó. O voo com os hidroaviões

não foi nada agradável. O tempo fechado impossibilitava um voo visual. Tiveram que voar alto, acima das nuvens, guiados por um aparelho de gps e quando chegaram ao destino, várias voltas foram necessárias para acharem uma brecha nas nuvens para poderem descer em segurança. O voo que normalmente duraria por volta de 1 hora durou quase 3 horas no total.

Finalmente embarcaram no Nave Mãe.

A bagagem de todos fora embarcada em uma lancha rápida em Barcelos que encontraria com eles no Rio Abuadana, pelo menos mais 8 horas de viagem à frente do local em que estavam agora. Seria fácil para a lancha alcançá-los, pois o Nave Mãe navegava bem lentamente, devido a pouca profundidade do rio e principalmente pelo fato de ter sido reformado e ter seu calado diminuído, para possibilitar a passagem por locais mais rasos. Isso fez com que o barco de três andares, perdesse parte de sua estabilidade. Assim, a navegação devia ser muito lenta, tranquila, sem solavancos ou curvas abruptas.

Seu comandante, Zeca, era um marinheiro experiente, que já havia navegado pelo Abuadana algumas vezes e além de tudo era uma pessoa muito cuidadosa, o que tranquilizava os ocupantes do barco.

Antes do Nave Mãe apenas um barco semelhante, que passara por transformações parecidas, navegou naquele rio. O Aventura. Um conhecido de Lívio é quem possuía este barco e estava fazendo o mesmo trabalho que ele. Explorava o local para posteriormente oferecer serviços para pesca. Infelizmente o comandante do Aventura não era tão experiente e nem tão cuidadoso quanto Zeca e numa noite, na sua primeira viagem, antes mesmo de iniciar uma exploração válida, o barco virou abruptamente e afundou com uma rapidez incrível. No acidente, 8 pessoas estavam a bordo e somente uma conseguiu se salvar, dado que as demais estavam dormindo e sequer tiveram tempo de sair da cabine.

Esta história havia sido contada para Tchello por Lívio quando se encontraram para negociar a viagem. Logo em seguida ele contou o relato ao restante do grupo. O grupo de amigos quase desistiu daquela viagem. Mas aquele não era o primeiro barco hotel acidentado do qual ouviram falar e nem seria o último. Assim, passaram por cima deste problema e decidiram seguir em frente com os planos de realizar a viagem. Tchello disse enfaticamente que Lívio garantiu que seu comandante era o mais experiente da região e como pilotava com muito cuidado, não corriam este tipo de risco. Agora pessoalmente eles podiam confirmar isso. Zeca era mesmo muito cuidadoso, educado, atencioso e passava tranquilidade total a todos. Na verdade, nenhum tipo de medo passava pela cabeça de nenhum deles. Nem se lembravam do Aventura naquele momento.

Já estavam navegando por duas horas e ainda navegariam por mais vinte e quatro pelo menos para chegar ao ponto em que o Nave Mãe não conseguiria mais seguir. No dia seguinte pela manhã já estariam pescando. Mesmo ainda estando pouco além do meio da viagem, enquanto o Nave Mãe continuaria a seguir sua rota, os pescadores sairiam em botes e depois alcançariam o barco, sem problemas.

Da turma, apenas Tchello, Carlos, Marcos e Tony conheciam a Amazônia. Mesmo assim cada região amazônica tinha características bem diferentes e aquele rio era uma novidade para todos eles. Ali eram todos marinheiros de primeira viagem, até mesmo alguns membros da tripulação.

Como sempre acontece com turistas que visitam a maior floresta tropical do mundo, estavam maravilhados com a paisagem. A selva fechada se entendia até aonde a vista podia alcançar, margeando o rio, que tinha águas escuras, da mesma característica das águas do rio negro. Apesar da água ser escura, em tom marrom avermelhado quando iluminada pelo sol e realmente negra quando na sombra, é translúcida, podendo se ver algo submerso a até pouco mais de um metro de profundidade. Esta cor de água é encontrada

em muitos rios daquela região e se deve ao fato de possuírem muita matéria orgânica em decomposição, como folhas e galhos de árvores, arrancados pela força das cheias que ocorrem todos os anos de forma categórica e alaga boa parte da floresta. O solo fértil também cede elementos para o rio na época de cheia. Este verdadeiro chá de matéria orgânica se torna ácido, o que propicia um ambiente ideal para muitas espécies de peixes, répteis e anfíbios mas impedem a procriação de alguns tipos de insetos. Na região de rios com esta característica não há pernilongos, muriçocas, borrachudos ou qualquer outro inseto que possa incomodar com picadas. Isso torna a região ainda mais atrativa para os pescadores que não precisam se proteger com roupas longas em pleno dia e ainda suportar o calor escaldante.

Um dos insetos que abundavam eram as abelhas. Muitas abelhas estavam sempre rodeando os pescadores, mas não representavam nenhum perigo, a não ser que fossem incomodadas ou ameaçadas de alguma forma. Acidentes com abelhas eram comuns. Elas se aproximam dos humanos pelo aroma exalado pelo suor. Pousam para recolher este suor e por vezes acabam sendo esmagadas sem querer, causando a picada, sempre muito dolorida, mas inofensiva em termos de efeitos colaterais maiores, a não ser para pessoas alérgicas a estas picadas. Muitas vezes as abelhas entram acidentalmente por baixo das roupas, o que fatalmente causa uma picada, com o movimento do corpo e a consequente pressão do tecido sobre o inseto. Fora estas picadas totalmente acidentais, não se conhece relato de ataques de abelhas em humanos naquela região. É comum sustos como cruzar com infinitos enxames enquanto se navega ou está pescando com o barco parado. As abelhas migram em grupos enormes e o melhor a fazer nestes casos é ficar imóvel, em silêncio, procurar fechar as mangas da camisa e as pernas da calça para evitar que entrem e esperar o enxame passar por você, Isso pode durar muitos minutos de angústia principalmente pelo barulho alto que elas emitem. Mas normalmente, agindo corretamente, não passa de um susto.

Conforme o barco subia o rio, árvores centenárias surgiam esplendorosas, com a folhagem alcançando alturas incríveis. Diferentes tipos de flores, arbustos e uma infinidade de tipos de bromélias e outras plantas parasitas completavam a paisagem da margem. A cada metro uma nova visão surpreendente. Aves de muitos tipos eram percebidas a todo instante. Tartarugas se acumulavam nos troncos de árvores que adentravam o rio. Vários cardumes de botos já tinham sido avistados pelo grupo, mesmo com tão pouco tempo de navegação. Conforme navegavam, a civilização ia ficando para trás e um mundo de descobertas surgia.

- Isso realmente é lindo, mas pensando de forma fria a paisagem é toda sempre igual. – Disse Marcos.

- Realmente, depois de um tempo enche o saco ficar vendo tanta árvore, tudo verde, e tudo igual. – Completou Carlos, com seu jeito debochado.

- Cara, eu não canso disso. – Disse Tchello.

- Se pensar bem, as coisas são bem iguais mesmo. Acho que se me perdesse aqui teria dificuldades de identificar um ponto específico pela paisagem. – Falou Milton, debruçado sobre a grade lateral e observando tudo o que passava na sua frente.

- Só vocês mesmo para me trazerem para este lugar. – Disse Medeiros enquanto se servia de mais uma lata de cerveja.

Todos riram e havia uma razão para isso. Medeiros tinha um grande problema em sair para viagens longas. Alguns imaginavam até que poderia ser algo relacionado a síndrome de pânico. Uma das coisas que ele sempre citava era que tinha medo de se sentir mal longe de atendimento médico rápido. Ou até preocupação de que algo ocorresse em sua casa e ele estando longe não poderia ajudar. Na ver-

dade, ele mesmo não sabia explicar exatamente o que sentia, mas nunca ia a estas pescarias realizadas mais longe ou com mais do que dois dias fora de São Paulo. Até mesmo as viagens de final de semana eram raras para ele. Nos primeiros encontros do grupo ele sempre foi enfático em dizer que não iria. Foi necessário um grande esforço para convencê-lo. Na verdade Milton é quem havia conseguido a façanha e o grupo não sabia exatamente como conseguira. Em um dos muitos encontros que tiveram para planejar a viagem, depois de mais uma vez Medeiros negar que iria, Milton disse a todos que cuidaria disso e que todos poderiam ficar tranquilos que o Medeiros iria na viagem. De todos Milton era o mais próximo de Medeiros. Além de morarem próximos dividia com ele o mesmo imóvel em suas atividades profissionais, e desta forma se encontravam todos os dias.

A ideia da viagem surgiu em um encontro descontraído em um bar, em São Paulo, aonde mais de 40 frequentadores do site confraternizavam. Aos poucos as pessoas foram deixando o local e apenas os 8 ficaram por ali conversando. Nestas conversas era comum que acabassem na combinação de alguma pescaria. Não demorou muito para que Marcos perguntasse aonde seria a próxima, mas se referindo a coisa simples, no máximo um final de semana. Foi então que Tchello contou sobre Lívio, que estava montando uma estrutura de pesca na Amazônia.

Era um local novo, pouco conhecido, que poderia ter muitos e bons peixes. Todos se interessaram pelo assunto, dado que já não tinham tanto interesse em viajar sempre para os mesmos lugares. Tchello descreveu ali o pouco que sabia sobre esta possibilidade de viagem e mesmo assim, naquele momento, combinaram participar da aventura.

O grupo era assim mesmo. Na empolgação, todos topavam tudo o que surgisse. O melhor era que quase sempre cumpriam seus compromissos, mesmo se assumidos daquela forma tão imediata e sem pensar muito. Havia muitas outras pessoas que frequentavam o site e que estavam

também sempre juntas nos encontros e em muitas pescarias que também tinham esta característica de topar e cumprir compromissos assumidos. Mas ao mesmo tempo, dezenas de outros costumavam ir no embalo das decisões dos amigos e depois, com o tempo acabavam desistindo causando grandes prejuízos, até financeiros, àqueles que continuavam firmes no combinado. As desculpas pelas desistências eram tão vazias que isso irritava muito àqueles mais cumpridores da palavra. Tanto era verdade esta forma de agir daquele grupo que imediatamente seis deles toparam a viagem. Apenas Medeiros e Gigante titubearam. Medeiros pelas razões já expostas e Gigante em razão dos gastos. Não pela falta de posses, mas historicamente era sempre o mais comedido com gastos, ou pão duro, como os outros diziam. Disse que queria ir, mas não daria uma resposta sem antes saber exatamente o quanto teria que desembolsar.

- Larga de ser pão duro Gigante. – Disse Carlos na brincadeira, mas com um teor sério misturado.

- Não é questão de ser pão duro. É que não tenho dinheiro para gastar. – Respondeu Gigante.

Ter dinheiro todos sabiam que ele tinha. Sua profissão, seu emprego e seu modo de vida possibilitava ele de fazer aquela viagem sem problemas. Mas Igor tinha uma visão de planejamento financeiro diferente. Suas prioridades eram outras e visivelmente nunca colocaria uma viagem de pesca à frente de alguma necessidade familiar, mesmo que fosse a longo prazo. Para os amigos isso era uma demonstração do domínio que a esposa de Igor exercia sobre ele. Talvez até fosse ela quem levasse ele a ser controlado daquela forma, mas no fundo todos respeitavam este modo de ser dele, apesar de muitas vezes se revoltarem com as sucessivas reclamações por falta de dinheiro disponível.

Tchello já era mais atirado em gastar. Não que não se preocupasse com o futuro, mas já vivera épocas melhores em sua vida e já tivera condições bem mais abastadas do

que estava vivendo naquele momento. Mesmo com a situação menos farta, se a oportunidade surgisse não pensaria duas vezes. Por ser assim, ele talvez fosse o que mais se revoltasse com Igor pelas suas atitudes controladas em relação a gastos. Para Tchello, muitas vezes Igor não ia nas pescarias por que na verdade não estava mesmo disposto. Se ele realmente quisesse ir, iria.

Decidiram também que se a viagem ocorresse deveria ser exatamente com aquele grupo. Como disse Carlos: – Tem que ser esta galera. Não quero ver caroço nesta viagem se não fode tudo. Carlos usava alguns termos em seu palavreado que se tornaram uma marca registrada. Caroço era um deles. Usava este termo para se referir a pessoas chatas, indesejadas. E a forma debochada com que aplicava estas palavras sempre causava muitas risadas na turma toda.

Tchello contou a todos que quando conheceu Livio este havia citado que precisava de pessoas experientes em pesca para explorar o local aonde pretendia colocar seu barco hotel e que estava disposto a financiar a viagem e os que topassem arcariam apenas com o transporte até o local. Naturalmente o grupo todo se empolgou com esta possível proposta, que encheu os olhos de Gigante principalmente.

A única exigência era que aquele assunto não poderia sair do grupo. Um pedido especial de Lívio. Como o local era desconhecido, queria ser o pioneiro em oferecer estrutura de pesca por lá e assim, era imprescindível que quem para lá fosse, não contasse a ninguém, em nenhuma hipótese qual era o local exato de sua viagem. Nem mesmo os familiares deveriam saber o local exato em que pescariam. Dias depois deste encontro no bar com seus amigos, Tchello se encontrou com Lívio novamente e a proposta foi confirmada.

Estavam em março e o barco de Lívio estaria pronto para aquela viagem apenas em abril. Porém, o regime das águas da região impedia a viagem naquela época, pois com

os rios muito cheios era perigoso navegar com o barco que estava reformando. Assim, combinaram a viagem para dali nove meses, no final de janeiro do ano seguinte. O combinado foi que a viagem seria oferecida por Lívio em troca do serviço de exploração a ser feita pelo grupo. Apesar do investimento, Lívio não pescava e necessitava de alguém para explorar a região e medir o potencial pesqueiro. Todas as despesas restantes além do transporte até o local de embarque ficaram por conta dele.

Mesmo assim, Gigante titubeou na decisão. Os amigos não se conformavam com aquilo. Em uma viagem destas, somente a parte que Lívio estava bancando, não saía por menos do que o equivalente à mil e quinhentos dólares de preço de custo por pessoa. E mesmo assim, nunca seria uma viagem como aquela. O fato de ser um local novo, inexplorado, era um diferencial que não tinha como medir, de tão valioso que era. Como alguém poderia não querer ir viajar com uma oportunidade destas?

Dados todos os argumentos e somente depois de espremer o orçamento nos voos o mais possível, juntando todas as promoções existentes nas cias aéreas e barganhar muito com o dono dos hidro aviões, Gigante acabou topando definitivamente, mas sem deixar de reclamar. Restava o Medeiros, que mesmo negando até meses depois deste encontro foi convencido por Milton e realmente lá estava ele.

Foram nove meses de encontros e desencontros. Por vezes um deles ameaçava abandonar a ideia, no que era reprimido pelos demais. Problemas financeiros, profissionais e pessoais atingiram alguns, fazendo com que quase desistissem, mas a união do grupo, a perseverança e ajuda mútua possibilitaram que finalmente estivessem ali, juntos.

A sensação de descanso depois da viagem conturbada dava a impressão de que o tempo passava devagar naquele momento, apenas com o barulho do motor do barco ao fundo e a brisa que sentiam naquela varanda. O que mais

incomodava a todos era a ansiedade pela pescaria que estavam por fazer. Na verdade, estavam ansiosos já fazia meses.

Muita cerveja foi consumida até que Silvio, um dos membros da tripulação avisou que o almoço estava servido. Desceram então para o andar inferior e se surpreenderam com a mesa farta e diversificada que estava colocada. O que fora combinado com Lívio era que a alimentação seria farta, porém simples. Mas não era o que estavam vendo ali. Vários tipos de salada, arroz, feijão, carne, frango, batatas, mandioca, farofa, ovos, enfim, uma refeição irrepreensível. Várias jarras com sucos de frutas naturais da época, preparados com muito gelo, estavam sobre o balcão, o que dava um aspecto refrescante e causava uma boa sensação só de olhar.

Naquele grupo de amigo uma coisa era verdadeira. Era fundamental que as pessoas aceitassem brincadeiras e gozações, pois elas eram uma constante. Além disso aqueles que se incomodavam com isso passavam automaticamente a ser uma figura não bem-vinda. Era uma característica daqueles amigos. Se divertir. Cada hora um era o alvo das chacotas e gozações. Todas brincadeiras muito sadias, sem ofensas. Em meio a muita risada e brincadeiras o grupo se serviu e foi aos poucos ocupando os lugares à mesa. Comeram muito, sem parar de conversar e rir nem por um minuto e aos poucos foram se calando, até que quase ninguém mais falava nada. Na verdade, estavam satisfeitos e empanturrados.

Já passava das 15 horas e a temperatura controlada da sala de descanso ao lado convidava todos a uma cochilada nos sofás ali colocados. Um a um foram se recostando e em pouco tempo estavam todos dormindo, em razão da farta refeição e da boa quantidade de cervejas sorvidas desde a hora que embarcaram.

II

José acordou de seu agradável sono. Com muita preguiça. Abriu os olhos, fechou novamente, ficou um tempo somente ouvindo os sons por ali. O motor do barco baixinho, uma música que vinha ele não sabia de onde, também ao fundo e roncos. Muitos roncos. Demorou alguns segundos para organizar os pensamentos. Ficou impressionado com o som do ronco de Carlos e Tchello, que deitados de barriga para cima no sofá, emitiam um ronco longo e alto, de acordar qualquer pessoa desmaiada.

Milton e Medeiros não estavam na sala.

Ele se levantou com cuidado para evitar algum barulho que pudesse acordar os outros. Espreguiçou-se e fez alguns alongamentos musculares. Andou pela sala até a estante e revirou alguns DVD´s que se encontravam ali. Havia vários títulos. Foi até a cozinha e se serviu de um copo de água. Para sua alegria, percebeu uma garrafa térmica que estava cheia de café fresco. Serviu-se de um pouco, tomou e subiu ao andar superior. Logo que saiu da sala, percebeu a mudança de temperatura. Fora estava muito mais quente. Mas o dia não estava tão abafado. Uma brisa fresca às vezes batia, trazida pelo movimento do barco, que continuava a subir o Rio Abuadana.

Logo que chegou ao andar superior, ainda teve tempo de ver um bando de araras azuis que voavam por sobre o barco em direção a mata fechada. Oito araras que faziam muito barulho, e proporcionaram uma visão fantástica. Lá encontrou Milton, que estava deitado em uma rede. Se não fosse pelo cachimbo aceso que segurava no canto da boca, qualquer um diria que estava dormindo. Com os olhos

fechados, dava pequenas e espaçadas baforadas que exalavam um agradável aroma de chocolate, mesmo no ambiente aberto no qual estavam.

No outro lado da varanda estava Medeiros, que debruçado sobre a grade de proteção admirava a paisagem.

- Fala Medeirinho. – Disse José ao se aproximar.

- E aí Véio? Dormiu bem?

- Nossa. Dormi demais.

- Eu nem cochilei. Vim para cá e fiquei conversando com o Milton.

- Está gostando da viagem?

- É muito bonito. Véio. Imagina que estamos em um lugar que milhares de pessoas do mundo pensam em conhecer. Mas o problema é que a cada minuto ficamos mais longe de alguma cidade que seja. Isso me assusta.

- Desencana Medeirinho. Está tudo bem e não vai rolar nada.

- Não sei cara. Eu fico cabreiro com isso.

Milton ouviu a conversa e se virou na rede para ficar de frente para os dois.

O sol começava a se por no horizonte, por trás da mata fechada, e deixava um reflexo vermelho no céu. Rente à água, muitos bandos de pássaros voavam rasante, em busca de um local para passar a noite.

Este horário trazia um colorido diferente. O verde mudava de tom conforme era atingida por raios de sol, ou deixava de sê-lo em alguns pontos. A água alterava sua cor

para prata em uns pontos, ouro velho em outros e negra em pontos mais sombrios.

Rapidamente a noite caiu e em menos de quinze minutos esta paisagem passou a dar lugar a escuridão total em volta do barco. A luz da varanda foi acesa.

- Que horas são? – Perguntou Milton.

- Nossa! – Disse Medeiros assustado. – Já são 20 e 30.

- Por que o susto? Você tem algum compromisso? Disse Tchello que subia a escada lateral para se juntar a eles.

Todos riram com a brincadeira.

- Não é isso véio. É que achei que era mais cedo.

- Estamos no verão. Dias mais longos. – Disse Marcos que também chegava na varanda.

- Olha o Enciclopédia . – Citou Tony que também subia as escadas.

Carlos que vinha logo atrás dele ria muito. Repetia – Enciclopédia? – e ria.

Carlos e Tony reparavam muito nas características das pessoas e apelidavam um por um. Depois se divertiam muito quando eles ou algum amigo usavam os apelidos que criavam. Chamavam Marcos de enciclopédia, por que, devido à idade e a grande experiência, tinha um vasto conhecimento em diversos assuntos e sempre entrava nas conversas com alguma informação cultural complementar. Gostava de discorrer sobre tudo. Estava sempre apto a entrar em qualquer assunto. Uma pessoa que gostava muito de ler, estava

sempre atualizado com assuntos dos mais diversos, principalmente a pesca. Gostava de se sentir útil e verdadeiramente fazia muito para efetivamente ser. Era amigo de todos. Na pesca, assim como em qualquer atividade, sempre foi comum a formação de grupos que de certa forma até disputam algo entre si e seja por vaidade ou pelos aspectos pessoais de cada um, às vezes se tornam até mesmo rivais. Marcos se relacionava bem com cada um destes grupos. Estava sempre em encontros e reuniões de cada um deles. Além disso, costumava frequentar todos os eventos relacionados à pesca, o que possibilitou que conhecesse muitos empresários e profissionais do ramo. Por vezes este vasto conhecimento de Marcos incomodava as pessoas. Alguns, mais afoitos e menos sociais, diziam que ele se metia em tudo, em todas as conversas. Mas a verdade era que gostava de ser participativo. Apenas isso. Era um homem pequeno. Baixo, magro, bigode e uma forma de agir que dava a impressão de que nunca desanimava.

- Tchello. O pessoal está fazendo o jantar lá. Eu não sei vocês, mas eu não vou comer nada. Estou com o almoço na garganta até agora de tanto que comi. – Disse Marcos.

Todos concordaram que comer novamente seria um exagero.

- Vou lá avisar que não jantaremos. Mais tarde quem sabe tomamos um copo de suco e beliscamos alguma coisa. – Disse Tchello descendo a escada.

- Nossa. Que breu. - Disse Tony olhando para fora.

A escuridão tomara conta de tudo em volta do Nave Mãe. Era impossível enxergar qualquer coisa que fosse além do curto espaço em volta do barco, iluminado pelas lâmpadas fracas do seu interior. Vez ou outra um forte holofote acionado por Zeca na cabine de comando, lambia as margens do rio. Para pilotar a noite quanto mais escuro me-

lhor. É possível perceber a diferença entre água e árvores pelo vulto e apenas de vez em quando se usa o holofote como auxílio. Conhecer bem o rio também é fundamental. Com prática, um bom comandante percebe até mesmo pequenos obstáculos flutuando na água como galhos de árvores por exemplo.

- Dá medo isso, não? – Disse Medeiros voltado para a escuridão.

- Mas este Medeiros é um cagão mesmo. – Disse Milton rindo.

- Que cagão o que véio! Com tudo escuro assim, este barco andando. De repente pega um tronco, lá sei eu!

- Larga de falar besteira Medeirinho. – Disse Carlos.

O papo aos poucos voltava a ser animado, conforme a sensação de sono abandonava cada um deles.

- Porra. Aonde está o Gigante? – Perguntou Carlos.

- Está lá embaixo dormindo como um porco. – Disse Tchello.

- Melhor acordar ele senão depois ele não dorme à noite. – Falou Marcos.

- Eu vou lá chamar ele e pegar umas cervejas. Quem quer? – Perguntou Tony.

- Pede para o rapaz da cozinha que ele enche uma caixa térmica e deixa aqui em cima para a gente. – Disse Tchello, sentando em uma das redes esticadas na varanda.